



CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO DO XIII ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE.

Jorge Coli

Até o século XVIII, a história se fundava numa referência ao passado. Esta afirmação tem os defeitos da generalidade, mas em suas principais linhas é verdadeira; Pensava-se em relação a uma idade do ouro perdida: a antiguidade clássica. Empregando uma terminologia que Mircea Eliade, em *O mito do eterno retorno*, empregou num outro contexto, é possível dizer que o presente era sentido como um “tempo fraco”, que se tornava “tempo forte” apenas quando um feito contemporâneo atingia a grandeza dos antigos gregos e romanos. Havia um sistema de ascensão, no qual a arte representava um papel muito importante, porque ela elevava os grandes homens do presente à dignidade antiga. Andrea Doria, o condottiere lígure, grande marinheiro, é retratado como Netuno, senhor dos mares; Luís XIV é o novo Apolo, rei sol; o guerreiro Heitor de Villars é figurado numa escultura como o Heitor da Ilíada – e uma inscrição dirá que esse novo Heitor não teve Aquiles que pudesse se opor a ele.

O presente se vincula, portanto, ao passado. É o oposto do que ocorre a partir do século XVIII, quando se opera um deslocamento teleológico, quando um vetor indica que mais uma vez somos inferiores, não mais em relação ao passado, mas em previsão do futuro. Trata-se de uma inferioridade otimista, porque amanhã será melhor que hoje. A escuridão irá aos poucos se dissipando, e a humanidade atingirá uma sonhada plenitude.

O instrumento dessa reversão foi a utopia racional, auxiliada por sua aplicação concreta, que conduziu ao progresso científico e técnico. Nesse sentido, a ideia baseia-se no princípio de que o mundo é caótico por não ser governado pela razão. Basta que sua desordem seja corrigida por parâmetros racionais, e teremos uma humanidade bela e feliz.

Que essa utopia racional tenha sido contradita por tantos tremendos fracassos não impediu sua força de convicção até bem recentemente, já que seus frutos tecnológicos surgiam palpáveis com o triunfo da sociedade industrial.

Ocorre que a razão é simplificadora. Ela opera pelo desbaste autoritário. Harmoniza apenas por meio de constantes estritas, perfeitamente eficazes no campo do conhecimento exato, mas incapazes de controlar a entropia das pulsões humanas. Há, sem dúvida, um progresso técnico e científico. O progresso humano se faz por caminhos infinitamente mais lentos e tortuosos.

Tomo aqui um exemplo extraído de “Em busca do tempo perdido”, a grande obra de Marcel Proust. Swann está perdidamente apaixonado por Odette, mulher indigna dele, que o trai constantemente. O narrador nos diz que Swann “Algumas vezes esperava que ela morresse sem sofrimentos num acidente, ela, que vivia fora, nas ruas, nas estradas, da manhã à tarde. E como ela voltava sã e salva, ele admirava que o corpo humano fosse tão flexível e tão forte a ponto de continuamente vencer, desviando de todos os perigos que o envolvem (e que Swann achava inumeráveis, depois que seu secreto desejo os supusera), e permitisse assim aos seres de se entregar cada dia e mais ou menos impunemente à sua tarefa de mentira, de busca do prazer. E Swann sentia, muito próximo de seu coração, esse Maomé II, de quem ele amava o retrato por Bellini e que, sentindo que ele tinha se tornado louco de paixão por uma de suas mulheres, apunhalou-a a fim, diz ingenuamente seu biógrafo veneziano, de reencontrar sua liberdade de espírito”.

É um velho tema clássico a definição da liberdade como o domínio sobre si mesmo. Paixão vincula-se etimologicamente a passivo: aquele que é dominado. Se as minhas paixões me dominam, para eu reconquistar a liberdade racional, eu preciso me livrar delas.

É preciso aceitar, portanto, que o ato de Maomé II foi racional. Foi uma solução lógica. Minha paixão é causada por aquela mulher. Se eu matá-la, a paixão acaba, e eu estou livre novamente, senhor de meu espírito.

O caráter abominável desse caso individual demonstra bem os limites do triunfo da razão. Seus encadeamentos límpidos e implacáveis ignoram as dimensões de humanidade. Quando um general escolhe, num plano estratégico, os batalhões que deve sacrificar, não procede de outro modo. No caso de Maomé II, a razão se torna instrumento do irracionalismo passional; no caso do militar, ela é a ferramenta do supremo irracionalismo, o maior de todos, que é a guerra.

Temos hoje um instrumento técnico fabuloso, com o qual ninguém sequer podia sonhar há 40 anos: a internet. Não preciso fazer aqui o elogio da internet: significou de fato um prodigioso avanço nas comunicações humanas.

Significou também o aparecimento das chamadas “redes sociais”. Tomemos o Facebook, excelente meio de circular informações entre as pessoas. Ocorre, porém, que sua imediatez suscita reações

impulsivas, emocionais. Adéqua-se perfeitamente, pelos estímulos constantes, às mais baixas pulsões de vingança, é uma ótima ferramenta para linchamentos morais.

Pulsões brotam mais facilmente que a reflexão. Se devemos desenhar uma utopia, ela não deveria ser racional, mas reflexiva. Porque a reflexão implica a mim mesmo e ao outro.

Refletir pressupõe não apenas ter a consciência de si mesmo, mas também a consciência do outro. Com a reflexão, o pensamento inclui, para exame, para consideração, aquilo que o outro é. Ao levar o outro e suas razões em conta, eu me modifico, desviando-me da direção primitiva: a etimologia ensina que flexus, em latim, de onde vem a palavra, quer dizer vergar, dobrar. Ou seja, abandonar a linha reta na qual minhas convicções caminhavam.

A reflexão pertence ao domínio da consciência e do conceito. Por exemplo, se eu vivesse no século 17, estaria convencido de que a terra é fixa no centro do universo. Mas alguém, no caso Galileu, traz para mim argumentos e provas contrárias a essa idéia. Ele demonstra que os planetas giram em torno do sol, e entre esses planetas está a terra. Então reflito, mudo minha concepção e se, depois de conhecer as razões de Galileu eu me mantivesse na convicção anterior, permaneceria num erro.

Existe, porém, um modo de reflexão que não é abstrato e vai além das argumentações claras. Esse modo, bem mais complexo do que o primeiro, é proporcionado pela arte.

A arte não estimula em nós apenas as faculdades racionais. Ela causa impactos, provocando modificações em nossa sensibilidade e emoções. Atua de modo profundo em nosso cerne, em nossas entranhas, em nossas contradições, desejos e medos. Nunca é simples e nítida. Pode ser bela, sinistra, erótica, repulsiva e muito mais. Ultrapassa sempre as intenções do artista, que são racionais; as obras podem mesmo negá-las e contradizê-las.

A arte, tantas vezes, nos choca. Abrigávamos um conjunto de sentimentos pacificados dentro de nós e, de repente, uma obra vem perturbá-los. Nós então a recusamos, e permanecemos imóveis em nós mesmos. Ou a aceitamos, e ampliamos os poderes compreensivos de nossa sensibilidade.

Há mais ou menos 2400 anos, os habitantes da ilha de Cos encomendaram a Praxíteles uma estátua para o templo de Venus. Praxíteles figurou-a despida, preparando-se para o banho de purificação. Tomou como modelo, diz-se, a linda cortesã Frinéia que era sua amante. Ora, a escultura grega não tinha o hábito de figurar mulheres sem roupa, e os sacerdotes da deusa recusaram a obra. Está aí um caso antigo, e muito célebre, de escândalo moralista.

Mais lúcidos, os habitantes de Cnido compraram a estátua, que se impôs como obra-prima absoluta. Tornou-se atração turística na Antiguidade. O original teria desaparecido num incêndio, no século V, em Constantinopla: ela fazia parte do acervo de um colecionador rico e poderoso, Lausus, eunuco a serviço do imperador Teodósio II.

Era erótica, a Venus de Praxíteles? Era. Conta-se que um jovem grego, alucinado pela beleza da escultura, escondeu-se no templo para gozar solitariamente daquela soberba sensualidade.

Todas as obras de arte são eróticas. Foram feitas para os sentidos e para a imaginação. Estão lá para nos dar prazer, seja de forma direta, seja de forma oblíqua, seja de forma perversa.

Não preciso aqui enumerar os escândalos, sexuais ou não, que as obras de arte provocaram, nem seria possível contar todos. É o papel delas: assim como o conhecimento, a arte é subversiva.

Sabemos, os regimes totalitários, os fundamentalismos religiosos não gostam de inquietações que perturbem o pensamento único. Odeiam contradições e dúvidas. Por isso, controlam o conhecimento e submetem a arte à censura.

Por isso também, a cultura, sentida como obrigação simbólica, é desleixada, abandonada, num país como o nosso. Um caso como o incêndio do Museu Nacional significa destruição de nosso passado e de nosso futuro. Porque somos privados dos conhecimentos que iluminam aquilo que somos. A truculência política acha melhor assim. A cultura impede a manipulação que atíça os piores instintos da ignorância.

O que vem ocorrendo hoje no Brasil é muito grave. As censuras no campo das artes consistem em algo maior do que alguns episódios isolados, e o ataque à cultura em algo mais amplo do que o incêndio a que assistimos. Para que museus incômodos, que causam escândalos, que levam a pensar, que edificam o conhecimento?

Pessoas que se recusam a pensar o outro, que se negam a entender o que lhes escapa, invadem museus em nome de um moralismo torpe (o MAM-SP, investido por uma horda de trogloditas) e atacam exposições que incomodam. Pior ainda, instauram a autocensura, pois financiadores e instituições temem escândalos. Isso já ocorreu: não apenas a exposição Queermuseu foi abreviada em Porto-Alegre, como o Museu de Arte do Rio, o MAR, que deveria recebê-la, renunciou, cedendo às pressões da prefeitura carioca. Ao mesmo tempo, o Theatro Municipal do Rio de Janeiro, entidade pública, em princípio laica, anuncia um programa com o seguinte conteúdo: “O Renascer Praise nasceu de duas vontades que combinaram: a de Deus, em querer abençoar o povo e habitar no meio dele (porque a Bíblia diz que Deus habita no meio dos louvores) e a vontade da Igreja Renascer e da Bispa Sonia em adorar ao Senhor de todas as formas, com todos os instrumentos e ritmos.” Lembro que isto ocorre ao mesmo tempo em que se multiplicam as perseguições às religiões afro-brasileiras.

Em nome do moralismo e da fé, essas pessoas entendem eliminar a reflexão e neutralizar os poderes da arte. Quanto mais submissos, melhor. Têm uma base política impressionante e um poder gigantesco. Aceleraram de dois anos para cá. Em meio à corrupção desenfreada, utilizam-se de instintos conservadores primários para manipulações e alianças políticas que lhes permitem subir cada vez mais.

Parece-me claro: se nada for feito, logo viveremos sob uma teocracia fundamentalista, cujo obscurantismo característico se iguala à sem-vergonhice mais sórdida e oportunista.

As artes são feitas de diálogos, trocas, contaminações. Nossos receios levam a sentir um futuro apocalíptico no qual se perdeu uma estabilidade, talvez mais sonhada que real. Ganhou-se, em troca, uma rede em que as comunicações são imediatas, em que as facilidades de deslocamento para todo o planeta são prodigiosas. Isso tudo deveria provocar fecundações extraordinárias nos processos de criação. É bem possível que ocorra.

Está claro que assistimos nas últimas décadas a comportamentos coletivos intensamente regressivos. Comportamentos cuja intensidade irracional é propriamente espantosa. As questões históricas, ancestrais, da iconolatria e da iconoclastia testemunham de quão dramáticas e nucleares elas se mostraram, e se renovaram agora, dentro das crenças humanas. Estão muito ativas: as destruições, há alguns anos, dos Budas, imensos e antigos, no Afeganistão, assinalam até que ponto a ambigüidade das obras artísticas presentes no mundo pode ser perturbadora.

A noção de arte, como o Ocidente a concebe, é atacada de várias formas: pode ser destruída fisicamente por razões religiosas ou morais, pode ser acossada pela censura que brota em nome de um respeito nocivo à dúvida, à crítica, à irreverência, pode ser, mesmo, dissolvida em sua alma, pelo marketing.

A esses ataques, e justamente por eles, a arte revela seu papel sempre inconformista, manifestando-se ali onde não se espera. Nesse sentido, tornou-se uma necessidade.

A arte, a complexidade da cultura, baseiam-se na liberdade reflexiva. Elas foram instrumento de agentes ideológicos de toda ordem. A história ensina que, em consequência, não devem nunca serem reduzidas a instrumentos. Possuem a natureza de uma rede intrincada, que necessita o respeito da complexidade, e não a violência redutora instrumental e utilitária. Transformações sociais se fazem com ou sem cultura, e a cultura pode ser domesticada, simplificada, reduzida, transformada no contrário de si mesma, empregada apenas como uma aparência para que essas transformações ocorram. Há aqui uma dimensão ética: a exigência para todos nós de um comportamento desconfortável, difícil, mas o único que permite preservar a complexidade que faz a consciência do conhecimento e a ação da sensibilidade algo além de um mero desejo incapaz de se realizar.

Em consequência, se queremos uma cultura que preserve a ideia de liberdade, de serenidade, de paz coletiva, necessitamos de um comportamento mental sempre em combate, em combate consigo mesmo, em combate contra as certezas, em combate contra as verdades, duvidando das convicções, interrogando, sem abdicar nunca, e sabendo que as respostas nunca virão de modo definitivo.

Acrescento um pequeno rabicho a estas ideias. Assustamo-nos com o destino de nosso pequeno mundo, no qual proliferamos, cada vez mais numerosos. Sentimo-nos parasitas destruidores sobre um globo

que, graças às nossas atividades, ou apenas, às nossas presenças, caminha para o apocalipse ecológico. Que será certamente acelerado com a entrega das florestas brasileiras ao agronegócio. Julgamo-nos impotentes para aliviar as mazelas de uma humanidade marcada pelas piores injustiças, em sua maioria condenada a uma vida de miséria.

Tudo isso é verdadeiro, e a arte, nessa perspectiva, pode parecer frívola. Mas seu campo infinito de sugestões, ao contrário, conduz à percepção complexa, por vezes contraditória, deste nosso único mundo que temos e que parece tão ameaçado.

Talvez o apocalipse chegue mesmo. Talvez os oceanos invadam as terras, talvez o planeta morra, talvez nós consigamos exterminar a nós mesmos.

Quando isso acontecer, a arte então, mas só então, não terá mais sentido.